



## Pôsteres

### As Diversas Travessias Cronotópicas em *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll

Antonio Rodrigues BELON (UFMS) e Michele Cristina dos Santos TURCI (G- UFMS)

Introdutoriamente este artigo enfatiza as diversidades cronotópicas no romance itinerário, *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll. <sup>1</sup>Todos os percursos físicos (geográficos) e psicológicos (consciência) são relacionados por constantes travessias existentes no romance, mais especificamente, por cada elemento estrutural. As travessias espaciais mostram o percurso feito pelo protagonista em decorrência de sua viagem sem rumo; travessias temporais em seus âmbitos interior e exterior, quebrando a linearidade da narrativa, a união contínua do tempo existencial e da consciência. Todas as travessias temporais e espaciais terão relações simultâneas com o protagonista, assim, serão observadas as travessias existentes em sua própria personalidade, atitudes, reações instintivas e irracionais, tudo em um contexto espacial, temporal e social.

Sua travessia não era apenas uma questão de Espaço, mas de Tempo. Não era de itinerância física, e portanto espacial, mas sim de itinerância emocional, e portanto temporal. Uma viagem que dissolve a especificidade de um caminho geográfico demarcado, transcende-o e alcança a dimensão temporal, graças a uma extraordinária fusão do binômio tempo- espaço . <sup>2</sup>

Em *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll, o espaço é primordial, pois sua história conta a saga de um ator que viaja sem destino por diversos lugares do Brasil, assim os espaços em movimento configuram-se em travessias de um lugar para outro.

É bem verdade que, reconheçamos logo,

em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante .[3](#)

As travessias espaciais desdobram-se por muitos lugares, pois mal chega numa cidade e o protagonista já se preocupa com seu novo percurso. Saindo do Rio de Janeiro decide tomar um ônibus para Florianópolis, vive em constantes travessias de um território para outro, até, por fim, chegar a Porto Alegre, cidade onde ocorre o desfecho da trama e onde finaliza a sua itinerância.

Ora de ônibus ora de carro (carona), e também a pé, com esses meios e dentro desses espaços (interior físico, dos veículos) que ele percorre os diversos espaços (exterior). "A coisa me saiu assim, como poderia ter saído pra qualquer outra direção geográfica. O que importava é que eu precisava continuar dando rumos à minha viagem." [4](#) Entende-se que o protagonista se sentia inquieto com a acomodação como se quisesse competir com o tempo ou melhor com a própria natureza.

Do início ao fim da trama a personagem não se fixa num espaço e pelas fronteiras depara-se com situações inusitadas, imprevisíveis e surpreendentes, como aventuras amorosas, e também situações de perigo e sofrimentos. "Durante esse trajeto me senti vigiado. Difícil explicar, um esfriamento repentino na nuca, olhei para trás..." [5](#)

Constitui-se nesta narrativa uma *desterritorialização*, isto é, o protagonista não tem um espaço definido em sua vida, ele vive correndo atrás de algum objetivo que nem o próprio sabe do que se trata. A carência de espaço apropriado, o tempo incontrollável, conceitua-se como *destemporalização* e *desespacialização*. São diversas definições de espaço que se compõe em variações espaciais. Situa-se a narrativa e ao mesmo tempo há uma desespacialização, a escassez de um espaço permanente.

As *travessias psicológicas* consistem em momentos vivenciados pelo protagonista quando ocorriam alterações em seu estado emocional. Esta inquietação sucedia quando o indivíduo vivenciava situações ruins resultando num descontrolo no seu tempo interno, emoções fortes causam alterações na mente do ser humano e com isso ela *descoincide* com as medidas temporais objetivas manifestando apenas o tempo psicológico.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de *tempo psicológico* ou de *tempo vivido*, também chamado de *duração interior*. O

primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediarmos. Variável de indivíduo para indivíduo, o *tempo psicológico*, subjetivo e qualitativo, por oposição ao *tempo físico* da Natureza (...) 6

Esses problemas psíquicos ocorridos momentaneamente, e subitamente, são os que caracterizam as travessias psicológicas, pois há uma transição em seu estado *normal* para a *anormalidade* e momentos de loucura, supostamente uma espécie de esquizofrenia. “Mas súbito me veio um inconformismo, mordi a mão, o braço, e comecei a gemer e a rolar pela cama até cair num tapete peludo. - Morri, me enterrem! – exclamei.” 7

Os instantes, momentos perturbados, duração, tempo que mesmo repentino tem a capacidade de transformar o indivíduo levando-o a realizar ou revelar fatos que podem comprometer o seu passado, assim, influenciando o seu próprio futuro. A vida desdobra-se no tempo.

As *travessias memoriais* configuram-se numa transição da realidade vivenciada para o passado, uma volta ao tempo, revivendo espaços remotos por meio das lembranças e das reminiscências.

À tarde perambulei pelo centro da cidade.  
Comprei um postal da ponte de Florianópolis. Eu costumava guardar postais de recordação. Naqueles dias eu levava num bolso de trás da calça dois postais. Já estavam bem amarfanhados. Um deles mostrava a praia de Copacabana à noite. O outro, a barca para Niterói. Agora, aquele postal da ponte de Florianópolis atravessando um mar de um azul escandalosamente artificial, aquele postal faria companhia aos outros. 8

O cartão postal configura-se num espaço ilustrado e demarcado por um tempo que já foi e não volta. Os momentos vividos no passado da personagem são recordados por singelas lembranças ou por meio da memória.

As *travessias oníricas*, numa espécie de utopia, compõem-se nos momentos em que a personagem, em repouso, aparece em seu sonho com a sexualidade inversa, se vê como



mulher. O sonho acontece freqüentemente. Todos os desejos e aflições sentidas por seres humanos surgem constantemente nos sonhos, assim a travessia da sexualidade, supostamente desejo do protagonista, somente é permitida intensamente, nos sonhos, nas utopias.

Por intermédio do sonho será possível um retorno aos espaços vivenciados no passado e, também, lugares inéditos na vigília, daí têm-se uma cronotopia renovada pela junção singular do tempo e do espaço dentro da narrativa.

*Astravessias cinematográficas*, ampliam as possibilidades do protagonista em movimento. O cinema é um espaço que dá oportunidade de apreciação de outros espaços no mundo, conhecendo diversas culturas, crenças e até mesmo, espaços remotos, gerações passadas, costumes de diferentes épocas; portanto, o cinema configura-se num espaço que mostra outros espaços relacionando-se com a temporalidade, uma volta ao passado, ou também, uma viagem ao futuro, uma travessia do mundo real ao mundo fictício. "O movimento da imagem cinematográfica revelaria a inseparabilidade do espaço e do tempo, confirmada pela teoria da relatividade de Einstein (...)"><sup>9</sup>. Os cinegrafistas também concordariam que não seria possível a separação dos componentes espaço e tempo dentro dos filmes.

O desfecho da existência é a morte, o desfecho da trama em *Hotel Atlântico*, em paralelo, é a travessia da vida para a morte.

Durante a viagem, a personagem regrediu gradativamente. No início apresentava-se por uma pessoa independente, forte e determinada em concluir sua tarefa, alcançar o seu objetivo, mas quando regressou a Porto Alegre, cidade onde vivenciou momentos inesquecíveis na infância, já se encontrava totalmente debilitado, dependente da boa vontade de um amigo, sem perspectiva, sentia-se um imprestável e incapaz por estar ferido não só fisicamente mas também no âmago de seu ser.

Todo este sofrimento, já em fase terminal, aconteceu em um *hotel* chamado *Atlântico*, em Porto Alegre. Lá, encontrava-se totalmente desfalecido, sentindo dores constantes e perdendo, gradativamente, seus sentidos. Por momentos estava na fronteira entre a vida e a morte:

tudo o que me restava de forças parecia se esboroando, um pouco como aqueles prédios sofrendo uma implosão, foi assim que eu fui caindo, e enquanto eu desmoronava a primeira coisa que senti foi que eu ia perdendo a audição – e quando o meu corpo inteiro se espatifou na laje do banheiro eu já estava completamente surdo.<sup>10</sup>

Ao chegar o momento de sua morte pediu ao amigo que concretizasse um último desejo; queria , pela última vez, apreciar a natureza, o mar, os animais, todos estes elementos repletos de vida; queria contemplar o mar com o resto de visão que ainda tinha, ouvir o barulho das ondas, os silvos dos animais, sentir o cheiro do mar e das pessoas ao seu redor e

principalmente, sentir as forças da mão de um amigo apertar as suas.

Em frente à imensidão do mar azul e de sua infinita beleza, o protagonista sentia-se pronto para realizar sua travessia, ansiando que neste mundo misterioso, pudesse conquistar a eternidade, ou melhor, tinha a esperança de ter uma vida infinita igual à distância sem fim do mar que contemplava nesses instantes.

Deitado sobre as areias do mar e com Sebastião apertando fortemente suas mãos o protagonista concretiza a sua travessia, a morte.

O mundo tinha ficado mudo , era só silêncio, mas eu via bem cada coisa, embora de cabeça para baixo eu via bem o bezerro preto que pastava no terreno baldio, eu vi um cachorro correndo atrás das patas de um cavalo que puxava uma carroça, eu vi uma imensidão de areias brancas .[11](#)

Na definição de morte nas palavras de um estudioso aclara-se a irreversibilidade da travessia por ela representada:

Esse é, sem dúvida, o aspecto mais significativo do tempo na experiência humana, porque a perspectiva da morte entra, dessa maneira, como uma parte integral e inerradicável, na vida do homem. Não há lugar para o significado desse aspecto do tempo numa teoria científica, exceto para dizer-se que ele representa uma resposta acidental, emocional, da parte dos seres humanos para com os processos físicos, impessoais, na natureza. Não é de surpreender, assim, que essa explicação deixe algo a desejar, ou que seja considerada inadequada; ou que possamos apreciar a teoria objetiva apenas na medida em que a frase "morte de calor" nos capacita a relacioná-la a algum aspecto do tempo em nossa própria experiência.[12](#)

Por travessias cronotópicas, conceptualmente mais amplas, de aspectos internos e externos, por territórios, espaços, e dimensões temporais, psicológicas, nas fronteiras entre a normalidade e a anormalidade, nos campos da memória e na sutileza das forças oníricas, na visualidade e no imaginários cinematográficos, vai adquirindo contornos a irreversibilidade da travessia da vida para a morte, num desenho claro, embora não linear, do percurso, da *travessia*, cabe a repetição insistente, do protagonista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIMAS, Antônio. *O espaço no romance*. São Paulo: Ática, 1985 (Princípios, 23)

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. Tradução Myriam Campello, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos, 31)

[1](#) NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

[2](#) DIMAS, Antônio. *O espaço no romance*. São Paulo: Ática, 1985 (Princípios, 23) p.57

[3](#) DIMAS, Antônio. *O espaço no romance*. São Paulo: Ática, 1985 (Princípios, 23) pp. 5-6

[4](#) NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp.35-36

[5](#) NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp.28

[6](#) MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. Tradução Myriam Campello, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976 . p. 18

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp. 38

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp.38-37

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos, 31) p. 11

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp. 105

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp. 106

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. Tradução Myriam Campello, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976 . p. 59

